



## **QUILOMBOS NA AMÉRICA DO SUL: EXPERIÊNCIAS DE RESISTÊNCIAS AO EUROCENTRISMO NA AMAZÔNIA**

*Mailson Lima Nazaré*

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, Universidade Federal do Pará. E-mail: [mailsonlima@bom.com.br](mailto:mailsonlima@bom.com.br).

### **RESUMO**

Este estudo analisa experiências de resistências à concepção eurocêntrica pós-colonial de desenvolvimento que vem causando impactos socioambientais em territórios quilombolas na América do Sul, esta concepção apoia-se no discurso da globalização neoliberal e na busca incessante de progresso com base na sociedade capitalista moderna ocidental, interferindo diretamente no uso de territórios por comunidades quilombolas, na medida em que estas são apontadas como as responsáveis de estarem causando o atraso ao desenvolvimentismo, por manterem seus modos de vida ancestrais. Além disso, esta concepção tem sido responsável por massacres e violações aos direitos de quilombolas na América do Sul por décadas, contexto que tem sido objeto de vários estudos acadêmicos de formas isoladas, entretanto, há a necessidade de se conhecer as realidades dos quilombolas na América do Sul de forma integrada, em meio as suas especificidades. Neste sentido, em virtude dos fatos mencionados, propomos este trabalho que procura analisar as experiências de resistências das comunidades quilombolas de Saramaka em Suriname e Gurupá no arquipélago do Marajó, no Estado Pará, Brasil. Estas comunidades destacam-se por intensas lutas por liberdade desde os regimes escravocratas até as lutas atuais contra o avanço tecnológico do agronegócio e dos grandes projetos econômicos que atingem seus territórios. Portanto, apresentamos como problema analisar como comunidades quilombolas na América do Sul constroem estratégias de resistências ao eurocentrismo pós-colonial, e como objetivos o de relacionar as características das principais lutas que envolvem estas comunidades e conhecer os impactos socioambientais que são provocados pela concepção eurocêntrica desenvolvimentista. Desta forma, como metodologia realizamos pesquisa de caráter bibliográfico com abordagem qualitativa e de análise de conteúdo, para isto, utilizamos como fonte de coletas de dados, documentos oficiais e estudos de autores como Richard Price (1999), Cavlak (2015; 2016) e Acevedo Marin (2008; 2014; 2015). Entre os resultados verificou-se que as comunidades continuam tendo seus direitos violados e que há um avanço da concepção eurocêntrica de desenvolvimento, que produz relações coloniais de poder na América do Sul, com consentimento dos Governos locais causando

deslocamentos de famílias, impactando nas relações socioambientais, degradando os recursos da natureza, o que leva estas comunidades a desenvolverem formas diversas de resistências que envolvem os seus conhecimentos tradicionais e a hibridação de suas culturas como forma de sobrevivências. Conclui-se que as comunidades de Saramaka e Gurupá representam lutas e resistências concretas de quilombolas na América do Sul, com constantes denúncias contra às violações de seus direitos, revelando a emergência de se enfrentar às concepções da modernidade eurocêntricas, que visam a manutenção de poderes coloniais a partir do discurso do desenvolvimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Quilombos. Territórios. Impactos Socioambientais.

## ***QUILOMBOS IN SOUTH AMERICA: EXPERIENCES OF RESISTANCE TO EUROCENTRISM IN THE AMAZON***

### **ABSTRACT**

This study analyzes experiences of resistance to the post-colonial Eurocentric conception of development that has been causing socio-environmental impacts in quilombola territories in South America, this conception is based on the discourse of neoliberal globalization and on the incessant search for progress based on modern western capitalist society, directly interfering in the use of territories by quilombola communities, insofar as they are responsible for causing the delay to developmentalism, for maintaining their ancestral ways of life. In addition, this conception has been responsible for massacres and violations of quilombola rights in South America for decades, a context that has been the subject of several academic studies in isolated ways, however, there is a need to know the realities of quilombolas in America of the South in an integrated way, amid its specificities. In this sense, in view of the facts mentioned, we propose this work that seeks to analyze the experiences of resistance of the quilombola communities of Saramaka in Suriname and Gurupá in the archipelago of Marajó, in the State of Pará, Brazil. These communities stand out for intense struggles for freedom from slave regimes to the current struggles against technological advances in agribusiness and the large economic projects that affect their territories. Therefore, we present as a problem to analyze how quilombola communities in South America build strategies of resistance to post-colonial Eurocentrism, and as objectives, to relate the characteristics of the main struggles that involve these communities and to know the socio-environmental impacts that are caused by the Eurocentric developmentalist conception. Thus, as a methodology, we carry out bibliographic research with a qualitative approach and content analysis, for this, we use it as a source of data collections, official documents and studies by authors such as Richard Price (1999), Cavlak (2015; 2016) and Acevedo Marin (2008; 2014; 2015). Among the results, it was found

that communities continue to have their rights violated and that there is an advance in the Eurocentric conception of development, which produces colonial power relations in South America, with the consent of local Governments causing displacement of families, impacting socio-environmental relations, degrading the resources of nature, which leads these communities to develop different forms of resistance that involve their traditional knowledge and the hybridization of their cultures as a means of survival. It is concluded that the communities of Saramaka and Gurupá represent concrete struggles and resistance of quilombolas in South America, with constant denunciations against the violations of their rights, revealing the emergence of facing up to the Eurocentric conceptions of modernity, which aim at maintaining powers from the development discourse.

**KEYWORDS:** Quilombos. Territories. Socioenvironmental Impacts.

## **1 INTRODUÇÃO**

Em tempos de globalização e neoliberalismo verifica-se que territórios de comunidades tradicionais, entre elas os quilombolas, vem sendo alvo de projetos desenvolvimentistas com base em processos que se fundamentam na racionalidade eurocêntrica.

Estes processos baseiam-se no pragmatismo econômico da civilização moderna, que indica sua partida por meio dos fenômenos intra-europeus, tendo como exemplo de desenvolvimento a experiência unicamente da Europa (DUSSEL, 2005).

Para Dussel (2005), a modernidade da Europa como centralidade na história mundial, colocando todas as outras culturas como sua periferia é exatamente o que sustentará o eurocentrismo como paradigma de vida moderna.

Dentro desta perspectiva que este estudo analisa experiências de lutas que comunidades quilombolas desenvolvem como forma de resistirem à concepção eurocêntrica pós-colonial desenvolvimentista, que vem causando impactos socioambientais em territórios quilombolas na América do Sul.

Destaca-se que por meio desta concepção grandes projetos se instalam na América do Sul, sendo responsáveis por diversos conflitos ao interferirem no território destas comunidades e, principalmente nas formas de uso do ambiente natural pelos quilombolas, pois, como destaca Almeida (1989) a territorialidade quilombola funciona como fator de identidade e defesa de seus modos de vida.

Neste contexto, estudar a realidade de quilombolas na América do Sul e suas formas de resistências, visa contribuir e evidenciar as lutas que desenvolvem pelos seus direitos, as quais, não cessaram e permanecem presentes em seus cotidianos como forma de garantirem a

sobrevivência de suas ancestralidades.

Portanto, em virtude dos fatos mencionados, este trabalho analisa as experiências de resistências das comunidades quilombolas de Saramaka em Suriname e Gurupá no arquipélago do Marajó, no Estado Pará, Brasil. Estas comunidades destacam-se por intensas lutas por liberdade desde os regimes escravocratas até as lutas atuais contra o avanço do agronegócio e dos grandes projetos econômicos que atingem seus territórios.

Assim sendo, realizamos este trabalho por meio de pesquisa de caráter bibliográfico e documental, através de autores como Richard Price (1999), Cavlak (2015; 2016) e Acevedo Marin (2008; 2015), nossa abordagem foi qualitativa com análise de conteúdo.

Nesta direção, estudar estas comunidades quilombolas na América do Sul visa contribuir para reflexões sobre a realidade e as suas características na atualidade, de tal forma que evidencia a importância de seus territórios para suas sobrevivências.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

Os quilombolas na América do Sul trazem desde suas origens marcas históricas de resistência aos regimes escravocratas, tornando os quilombos um espaço de formação social estratégico para a manutenção de suas identidades, ancestralidades e relações socioambientais, sendo identificados por diferentes nomenclaturas, em que:

As comunidades formadas pelos negros escravos, que fugiram do trabalho forçado e resistiram à recaptura por parte das forças escravocratas, receberam vários nomes nas diversas regiões do Novo mundo: quilombolas ou mocambos no Brasil, [...] marrons, na Jamaica, no Suriname e no sul dos Estados Unidos. Os termos maroon e marron derivam do espanhol cimarrón, nome dado pelos primeiros colonizadores das Américas ao gado doméstico fugido da então ilha de Hispaniola (hoje Haiti e Santo Domingo). (CARVALHO, 1996, p. 14).

Assim, observa-se que o processo de organização e as formas de resistências dos quilombolas na América do Sul serão fundamentais para constituírem suas comunidades de forma autônomas, para a manutenção de suas crenças e tradições culturais.

No caso da experiência dos quilombolas de Suriname que foi Colônia da Holanda, pode-se verificar uma realidade de resistência significativa. Suriname, de acordo com Price (1999) e Cavlak (2015; 2016), foi o único território sul-americano que a Holanda dominou definitivamente, possuindo em seu interior centenas de comunidades quilombolas, como os Samaraka, que formaram uma sociedade extremamente diversa, com ligações culturais e línguas diferentes, assim sendo, pode-se dizer que suas experiências demonstraram uma

espetacular forma de resistência ao regime colonial escravista, pois:

Nesse país, os negros lograram fugir maciçamente das plantações nas primeiras décadas do século XVII e, após mais de cem anos de duras guerras contra os exércitos escravistas, conseguiram finalmente, assinar vários tratados de paz com o estado Holandês e apossar-se, definitivamente, do vasto território da selva que conquistaram com o suor e o sangue da sua resistência. (CARVALHO, 1996, p. 14).

Portanto, foi neste contexto que os Samaraka estabelecem sua organização nas selvas de Suriname compondo um dos seis grupos negros Maroons que vivem nesta região, sendo atualmente uma das principais minorias étnicas locais representando 12% da população do país (PRICE, 1999).

Destaca-se ainda que segundo Price (1999) e Rebelo (2011) os Samaraka possuem uma população de aproximadamente 55.000 indivíduos, sendo que 10 mil vivem na Guiana Francesa e 45 mil no Suriname, os quais vinham tendo seus tratados de meados do século 18 sendo respeitados por dois séculos, o que possibilitou desenvolverem suas sociedades e manutenção de suas culturas. Entretanto, esta situação tomará outro rumo quando os governos passaram a não reconhecer o tratado, interferindo no seu território em que:

No Suriname pré-independência dos anos 60 o governo colonial, em colaboração com a Alcoa, desapropriou terras garantidas pelo tratado de 1762, de uns seis mil quilombolas saramaka, a fim de construir a barragem e o lago de uma usina hidroelétrica. E depois da independência do Suriname, em 1975, os sucessivos governos vêm aplicando uma política cada vez mais militante e destrutiva contra os quilombolas e as comunidades indígenas, retirando deles os direitos à terra (e suas riquezas potenciais) e pondo em perigo os seus direitos de existir como povos separados. (PRICE, 1999, p. 204).

Assim sendo, em meio às essas violações os quilombolas de Samaraka, passaram a organizar suas estratégias de resistências com revoltas e ações jurídicas visando a garantia de seus direitos.

Em 1821, por exemplo, um grupo de quilombolas invadiram Paramaribo e incendiaram mais de 400 casas, em resposta a um ataque anterior e a dificuldade de sobrevivência na selva. A falta de alimentos, as epidemias de febre amarela e o constante assédio das tropas governamentais, sempre na captura de escravos fugitivos, colaboravam para a manutenção de um clima tenso através dos anos. (CAVLAK, 2015, p. 61).

Desse modo, as políticas eurocêntricas com apoio Governo vêm avançado no território do Samarakas com a introdução de empresas mineradoras, madeireiras e hidroelétricas causando dificuldades na sobrevivência para a vidas dos quilombolas.

Neste sentido, nas últimas décadas os quilombolas de Saramaka, como estratégias de lutas contra as violações de seus direitos vem acionando a corte Interamericana de Direitos Humanos, contra o Estado de Suriname, conforme aponta Price (1999).

Em 1992, eu me envolvi pessoalmente no caso de “Aloeboetoe versus Suriname,” no qual reclamantes saramaka eventualmente ganharam a causa contra a República do Suriname na Corte Interamericana para os Direitos Humanos. (PRICE, 1999, p. 213).

Na comunidade quilombola de Gurupá no arquipélago do Marajó, que se situa no município de Cachoeira do Arari, nas margens do rio arari e gurupá, os conflitos influenciados pela concepção de sociedade moderna eurocêntrica, acirraram-se desde à década de 70, causadas pela presença de latifundiários locais que não reconhecem a presença dos quilombolas no território.

Nos anos setenta do século XX houve um deslocamento compulsório das famílias, da margem esquerda do rio Arari para outra margem do rio Arari e principalmente para o rio Gurupá. Este rio, a partir dos anos 80 sofreu um intenso processo de ocupação e hoje representa para estes quilombolas um espaço social e histórico. (ACEVEDO MARIN, 2008, p. 2).

A região do quilombo de Gurupá, possui rica biodiversidade e diversidade ecossistêmica, tornando objeto de cobiça pelos grandes projetos desenvolvimentistas que causam o que Leff (2018) chama de danos irreversíveis nos ecossistemas naturais.

Nesta perspectiva que um projeto de monocultura de arroz se implanta na região do território quilombola desde 2009, com a utilização de agrotóxicos, desenvolvendo suas atividades por meio de irrigação do leito do rio arari (ACEVEDO MARIN, 2015).

Logo, a presença da monocultura de arroz na região do quilombo de gurupá tem afetado a territorialidade da comunidade, e as suas formas de subsistências, pois, a área deixou de ser de uso comum para ser propriedade particular atendendo a concepção de progressos da sociedade moderna eurocêntrica.

Neste sentido que os quilombolas de Gurupá, tem desenvolvido suas estratégias de resistências por meio de manutenção de seus saberes ambientais, assim como acionado os órgãos públicos e de justiça para garantirem seus direitos ao uso do território.

Portanto, identifica-se que os territórios das comunidades quilombolas na América do Sul, permanecem sendo alvo da concepção desenvolvimentista de sociedade, entretanto, enfrentam a resistências das comunidades.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao verificarmos que as comunidades quilombolas na América do Sul, Samaraka e Gurupá permanecem lutando e reivindicando seus direitos de organizarem e manterem suas memórias e modos de vida vinculados ao uso do ambiente natural, percebe-se o quanto a concepção eurocêntrica de sociedade procura invisibilizá-los, utilizando inclusive os aparatos dos sistemas econômicos e políticos locais.

Assim sendo, estas comunidades com suas especificidades e heterogeneidades ao construírem suas resistências chamam atenção para o avanço desta concepção desenvolvimentista nesta região da Amazônia, e as formas de atuação que além de violar os direitos destas comunidades causam degradação ambiental.

Conclui-se destacando que as comunidades de Saramaka e Gurupá representam lutas e resistências concretas de quilombolas na América do Sul, revelando a emergência de se enfrentar às concepções da modernidade eurocêntricas, que visam a manutenção de poderes coloniais a partir do discurso do desenvolvimento.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth et al. *Território Quilombola nos rios Arari e Gurupá: sistemas de uso, conflituosidade e poder em Cachoeira do Arari-Pará*. Belém: UNAMAZ, 2008.

ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth et al.]. *Povos tradicionais no arquipélago do Marajó e políticas de ordenamento territorial e ambiental*. Rio de Janeiro. Casa 8, 2015.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Terras de Preto, Terras de Santo, Terras de Índio - Uso Comum e Conflito*. In: Na trilha dos grandes projetos: modernização e conflito na Amazônia. DE CASTRO, Edna Maria Ramos; HÉBETTE, Jean (Orgs.). Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 1989.

CARVALHO, José Jorge. A

*Experiência Histórica dos Quilombos nas Américas e no Brasil*. O Quilombo do Rio das Rãs: histórias, tradições e lutas. Salvador, EDUFBA, 1996.

CAVLAK, Iuri. *O extremo norte da América do Sul: A Guiana Inglesa e o Suriname no século XIX*. Faces da História, 2015, 2.1: 96-114.

CAVLAK, Iuri. *O Golpe Militar no Suriname e a Geopolítica no Platô das Guianas*. Revista de Geopolítica, 2016, 7.1: 133-151.

DUSSEL, Enrique. *Europa, modernidade e eurocentrismo. A colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección SurSur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina*. Setembro, p. 55-70, 2005.

LEFF, Enrique. *Ecologia, Capital e*

*Cultura: A Territorialidade da racionalidade ambiental.* Petrópolis: Vozes, 2018.

PRICE, Richard. *Quilombolas e direitos humanos no Suriname.* Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 203-241, maio 1999.

REBELO, Maria de Nazaré de Oliveira. *O Povo Saramaka Versus Suriname: Uma análise sob o olhar de Clifford Geertz.* Cadernos da Escola de Direito e Relações Internacionais, Curitiba, 14: 95-118 vol. 2011.

---

---

NAZARÉ, M. L. *Quilombos na América do Sul: Experiências de Resistências ao Eurocentrismo na Amazônia.* *Complexitas - Rev. Fil. Tem.* Belém, v. 4, n. 2, p. 114-121, jul./dec. 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/complexitas/article/view/8078>>. Acesso em: 30 de janeiro de 2020.

---

---